

Comentários a São João – II
Evangelho – Homilias 50-124
Primeira Epístola

1. *Padres apostólicos*, Clemente Romano; Inácio de Antioquia; Policarpo de Esmirna; O pastor de Hermas; Carta de Barnabé; Pápias; Didaqué
2. *Padres apologistas*, Carta a Diogneto; Aristides; Taciano; Atenágoras; Teófilo; Hérmias
3. *I e II apologias e diálogo com Trifão*, Justino de Roma
4. *Contra as heresias*, Irineu de Lion
5. *Explicação do símbolo (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência*, Ambrósio de Milão
6. *Sermões*, Leão Magno
7. *A Trindade*, Santo Agostinho
8. *O livre-arbítrio*, Santo Agostinho
- 9/1. *Comentário aos Salmos (Salmos 1-50)*, Santo Agostinho
- 9/2. *Comentário aos Salmos (Salmos 51-100)*, Santo Agostinho
- 9/3. *Comentário aos Salmos (Salmos 101-150)*, Santo Agostinho
10. *Confissões*, Santo Agostinho
11. *Soliloquios – A vida feliz*, Santo Agostinho
12. *A graça I*, Santo Agostinho
13. *A graça II*, Santo Agostinho
14. *Homília sobre Lucas 12 – Homílias sobre a origem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo*, Basílio de Cesareia
15. *História eclesiástica*, Eusébio de Cesareia
16. *Dos bens do matrimônio – A santa virgindade – Dos bens da viuvez – Cartas a Proba e a Juliana*, Santo Agostinho
17. *A doutrina cristã*, Santo Agostinho
18. *Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de Santo Antão*, Santo Atanásio
19. *A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos*, Santo Agostinho
20. *Contra Celso*, Orígenes
21. *Comentário ao Gênesis*, Santo Agostinho
22. *Tratado sobre a Santíssima Trindade*, Santo Hilário de Poitiers
23. *Da incompreensibilidade de Deus – Da providência de Deus – Cartas a Olimpia*, São João Crisóstomo
24. *Contra os Acadêmicos – A ordem – A grandeza da alma – O Mestre*, Santo Agostinho
25. *Explicação de algumas proposições da carta aos Romanos – Explicação da carta aos Gálatas – Explicação incoada da carta aos Romanos*, Santo Agostinho
26. *Exameção – Os seis dias da criação*, Santo Ambrósio
- 27/1. *Comentário às cartas de São Paulo – Homílias sobre a epístola aos Romanos – Comentários sobre a epístola aos Gálatas – Homílias sobre a epístola aos Efésios*, São João Crisóstomo
- 27/2. *Comentário às cartas de São Paulo – Homílias sobre a Primeira carta aos Coríntios – Homílias sobre a Segunda carta aos Coríntios*, São João Crisóstomo
- 27/3. *Comentário às cartas de São Paulo – Homílias sobre as cartas: Primeira e Segunda de Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus*, São João Crisóstomo
28. *Regra pastoral*, Gregório Magno
29. *A criação do homem – A alma e a ressurreição – A grande catequese*, Gregório de Nissa
30. *Tratado sobre os princípios*, Orígenes
31. *Apologia contra os livros de Rufino*, São Jerônimo
32. *A fé e o símbolo – Primeira catequese aos não cristãos – A continência – A disciplina cristã*, Santo Agostinho
33. *Demonstração da pregação apostólica*, Irineu de Lion
34. *Homílias sobre o Evangelho de Lucas*, Orígenes
- 35/1. *Obras completas I*, Cipriano de Cartago
- 35/2. *Obras completas II*, Cipriano de Cartago
36. *O sermão da montanha – Escritos sobre a fé*, Santo Agostinho
37. *A Trindade – Escritos éticos – Cartas*, Novaciano
38. *Homílias – Comentário sobre o Cântico dos cânticos*, Orígenes
39. *A mentira – Contra a mentira*, Santo Agostinho
40. *A natureza do bem – O castigo e o perdão dos pecados e o batismo das crianças*, Santo Agostinho
41. *A Simpliciano – Réplica à carta de Parmeniano*, Santo Agostinho
42. *Tratado sobre o batismo*, Santo Agostinho
43. *Retratações*, Santo Agostinho
44. *Comentário ao Evangelho de Mateus*, São Jerônimo
45. *A música*, Santo Agostinho
46. *Apologético e O pálio*, Tertuliano
- 47/1. *Comentários a São João – I: Evangelho (homílias 1-49)*, Santo Agostinho
- 47/2. *Comentários a São João – II: Evangelho (homílias 50-124) – Primeira Epístola*, Santo Agostinho

SANTO AGOSTINHO

COMENTÁRIOS A SÃO JOÃO – II
EVANGELHO – HOMILIAS 50-124
PRIMEIRA EPÍSTOLA

TRADUÇÃO:
LUCIANO ROUANET BASTOS
IR. NAIR DE ASSIS OLIVEIRA, CSA (+)



PAULUS

Títulos originais:

In Iohannis evangelium tractatus CXXIV

Tradução (Homílias 50-124) e notas explicativas: *Luciano Rouanet Bastos*

In Epistulam Iohannis ad Parthos tractatus decem

Tradução e notas explicativas: *Ir. Nair de Assis Oliveira, CSA (†)*

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Pe. Silvio Ribas*

Coordenação editorial: *Heres Drian de Oliveira Freitas*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *Caio Pereira*

Coordenação de arte: *Danilo Alves Lima*

Diagramação: *Paulo Cavalcante*

Impressão e acabamento: **PAULUS**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430

Comentários a São João – II: Evangelho (homílias 50-124) – Primeira Epístola, Santo Agostinho; tradução de Luciano Rouanet Bastos; Nair de Assis Oliveira. - São Paulo: Paulus, 2022. (Coleção Patrística)

Títulos originais: *In Iohannis evangelium tractatus CXXIV*

In Epistulam Iohannis ad Parthos tractatus decem

ISBN 978-65-5562-580-6

1. Agostinho, Santo 2. Bíblia. N.T. João - Comentários I. Título II. Oliveira, Nair de Assis III. Bastos, Luciano Rouanet IV. Série

22-1588

CDD 226.5

CDD 226.5

Índice para catálogo sistemático:

1. João Batista, Santo



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações

sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

paulus.com.br/cadastro

Teleendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2022

© PAULUS – 2022

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-580-6

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 1940, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”, e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com centenas de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras desses autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo, para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. A Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos não exaustiva, cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar as anotações excessivas, as longas introduções, estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém séria.

Cada obra tem uma introdução breve, com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra, suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo “patrologia” designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos Pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por “patrística” se entende o estudo da doutrina, das origens dela, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos Pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para

indicar a doutrina dos Padres da Igreja, distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da Antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunha particularmente autorizada da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e Antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e Antiguidade são ambíguos. Não se espera encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de Antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a Antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de São João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda a tradição posterior. O valor dessas obras que agora a Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto:

Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas

as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar esse fim. [...] Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual (B. Altaner e A. Stuiber, Patrologia, São Paulo: Paulus, 1988, p. 21-22).

A Editora

HOMILIA 50
A UNÇÃO DE BETÂNIA
(Jo 11,55-12,11)

Cristo, nossa páscoa

1 À leitura do santo Evangelho que ontem se fez, a respeito da qual falamos o que o Senhor nos concedeu, segue-se a hodierna, sobre a qual falaremos o que o Senhor nos há de conceder. Há certas matérias tão claras nas Escrituras que pedem, antes, alguém que as escute do que um pregador que as exponha. Não convém que nos detenhamos nelas, para que o tempo que havemos de dedicar às questões necessárias, em cuja consideração se há de demorar, seja suficiente.

2 “Ora, estava próxima a Páscoa dos judeus.”¹ Os judeus quiseram ter aquele dia festivo ensanguentado com o sangue do Senhor. Em tal dia, foi morto o Cordeiro que para nós consagrou, com o Seu sangue, o mesmo dia da festa. Deliberava-se, entre os judeus, acerca da maneira de dar morte a Jesus. Ele que, do céu, viera padecer, quis aproximar-Se do lugar da paixão, uma vez que a hora da paixão era iminente. “Muitos subiram, então, daquela região a Jerusalém, antes da Páscoa, para purificar-se.” Assim agiam os judeus conforme um preceito do Senhor,

¹ Jo 11,55.

ordenado na lei pelo santo Moisés, segundo o qual, por ocasião do dia festivo da Páscoa, todos, donde quer que proviessem, deviam congregar-se e purificar-se como motivo da celebração daquele dia. Aquela celebração era, contudo, uma sombra do que havia de acontecer. O que quer dizer “sombra do que havia de acontecer”? Era uma profecia do Cristo que havia de vir, profecia de quem por nós havia de padecer naquele dia, para que, assim, passasse a sombra e viesse a luz; passasse a figura e fosse possuída a verdade. Os judeus tinham, portanto, a Páscoa na sombra; nós a temos na luz. Qual a razão, então, de o Senhor lhes ordenar matar uma ovelha por ocasião daquele dia de festa, senão o fato de ser Ele próprio Aquele de quem fora profetizado: “Foi conduzido como ovelha ao matadouro”?² As portas dos judeus foram marcadas com o sangue da ovelha morta; com o sangue de Cristo, são marcadas as nossas frentes. Foi dito que a marcação de outrora, que era figura, afastava o exterminador das casas assinaladas; o sinal de Cristo repele de nós o exterminador, caso nosso coração acolha o Salvador. Por que disse isso? Porque muitos têm as suas portas marcadas, mas, dentro deles, não permanece o Morador; eles têm facilmente na frente o sinal de Cristo, mas não acolhem a palavra de Cristo no coração. Por isso disse, irmãos, e o repito: o sinal de Cristo repele de nós o exterminador, caso nosso coração acolha o Salvador. Falei disso para que ninguém fique pensando no que significam aquelas festas dos judeus. O Senhor veio, pois, como vítima, para que tivéssemos a verdadeira Páscoa, celebrando a Sua paixão como a imolação de uma ovelha.

²Is 53,7.

Como buscar o Cristo

3 “Eles procuravam Jesus”,³ mas de um modo perverso. Bem-aventurados, com efeito, os que procuram Jesus, mas o fazem de forma correta. Eles procuravam Jesus não para que O tivessem, nem para que O tivéssemos nós; mas, tendo-Se afastado deles, nós O acolhemos. São repreendidos os que procuram, são louvados os que procuram: é a intenção de quem O procura que merece louvor ou condenação. Ora, encontras também entre os salmos: “Fiquem confusos e envergonhados os que buscam minha vida”⁴ – eis os que procuravam mal. E noutra passagem: “Nenhum lugar de refúgio, ninguém que olhe para mim”.⁵ São recriminados os que O procuravam, são recriminados os que não O procuravam. Procuremos Cristo, portanto, para que O tenhamos; procuremos para que O possuamos, mas não para dar-Lhe morte. Também aqueles O procuravam para retê-l’O consigo, mas a fim de, rapidamente, não tê-l’O mais. Procuravam-n’O, pois, “e diziam entre si: ‘Que pensais? Virá Ele à festa?’”.

Onde e como apoderar-se do Cristo

4 “Os chefes dos sacerdotes e os fariseus, porém, tinham ordenado que, se alguém soubesse onde Ele estava, O indicasse, para que O prendessem.”⁶ Indicaremos nós, agora, aos judeus onde é que Cristo está. Oxalá todos os que são da descendência dos que tinham ordenado se lhes indicasse onde estava o Cristo queiram ouvir e apoderar-se d’Ele. Venham à

³ Jo 11,56.

⁴ Sl 39,15.

⁵ Sl 141,5.

⁶ Jo 11,57.

Igreja, ouçam onde está Cristo, apoderem-se d'Ele. Ouçam-no de nós, ouçam-no do Evangelho. O Cristo foi morto por obra dos antepassados deles, foi sepultado, ressuscitou, foi reconhecido pelos discípulos, subiu aos céus ante os seus olhos e lá está sentado à direita do Pai. O que foi julgado virá como juiz: ouçam e retenham-n'O! Eles rebatem: Como hei de reter quem está ausente? Como lançarei a mão no céu, para reter O que lá está sentado? Lança a fé, e tê-l'O-ás retido. Teus antepassados retiveram-n'O na carne, retém-n'O tu no coração, visto que o Cristo ausente também Se faz presente. Se não estivesse presente, não poderia ser retido por nós. Como, porém, é verdadeiro o que Ele diz: "Eis que estou convosco até a consumação do mundo",⁷ tanto Se foi, como aqui está; tanto retornou, como não nos abandonou. Levou Seu corpo, de fato, para o céu, não tirou Sua majestade do mundo.

O fato e o mistério

5 "Seis dias antes da Páscoa, Jesus foi, então, a Betânia, onde tinha morrido Lázaro, que Ele ressuscitou. Ofereceram-Lhe aí um jantar; Marta servia e Lázaro era um dos que estavam à mesa."⁸ Para que os homens não pensassem ter-se tornado um fantasma o morto que ressuscitou, ele era um dos que estavam à mesa: vivia, falava, banquetear-se. Mostrava-se a verdade, via-se confundida a infidelidade dos judeus. Sentava-Se o Senhor, portanto, à mesa com Lázaro e com outros; servia-lhes Marta, uma das irmãs de Lázaro.

6 "Então Maria" – a outra irmã de Lázaro – "tomou uma libra de um perfume de nardo puro, muito caro, ungiu os pés de

⁷ Mt 28,20.

⁸ Jo 12,1-2.

Jesus e os enxugou com os cabelos; e a casa inteira ficou cheia do perfume do bálsamo.”⁹ Ouvimos o fato, investiguemos o seu significado místico. Qualquer alma que seja, ungue com Maria os pés do Senhor com o perfume caro, se quiseres ser fiel. Aquele perfume simbolizava a justiça, por isso pesava uma libra e era, por outro lado, perfume de nardo puro, muito caro. O fato de ter-se dito que se tratava de nardo puro,¹⁰ devemos entendê-lo em referência a algum lugar de onde proviria aquele perfume caro, ainda que não seja essa uma informação supérflua e que esteja perfeitamente de acordo com o sentido místico. Em grego, fé diz-se *pístis*. Procuravas obrar segundo a justiça; ora, “o justo vive da fé”.¹¹ Unge os pés de Jesus, ou seja, vivendo bem, segue os passos do Senhor. Enxuga-os com os cabelos: se tens bens supérfluos, dá-os aos pobres e terás enxugado os pés do Senhor; com efeito, os cabelos parecem ser partes supérfluas do corpo. Tens o que fazer com teus bens supérfluos: são supérfluos para ti, mas necessários para os pés do Senhor. Por acaso, os pés do Senhor passam necessidade na terra. Ora, a respeito de quem, senão de Seus membros, haverá Ele de dizer no final: “cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes”?¹² Despendestes vossos bens supérfluos, mas fostes condescendentes com meus pés.

⁹ Jo 12,3.

¹⁰ O adjetivo aqui traduzido por “puro” é, no latim original, *pisticus*, derivado, por sua vez, do grego *pistikós*. A noção de “puro” é expressa por ele com o matiz de “fiel”, “genuíno”. Santo Agostinho não deixaria escapar essa relação etimológica com o substantivo grego *pístis* (fé), perfeitamente adequada, como ele observa, à explicação mística ou espiritual do texto.

¹¹ Rm 1,17; Hab 2,4.

¹² Mt 25,40.

O bom odor de Cristo

14

7 “E a casa inteira ficou cheia do perfume”, o mundo ficou cheio da boa fama: o bom odor é, pois, a boa fama. Os que vivem mal e chamam-se cristãos fazem injúria a Cristo. É a respeito de tais pessoas que foi dito ser, “por sua causa, blasfemado o nome do Senhor”.¹³ Se, por causa deles, o nome de Deus é blasfemado, por causa dos bons é louvado o nome do Senhor. Ouve o Apóstolo: “Somos o bom odor de Cristo, diz ele, em todo lugar”.¹⁴ Diz-se também no Cântico dos Cânticos: “Perfume derramado é o teu nome”.¹⁵ Volta tua atenção ao Apóstolo: “Somos” – diz ele – “o bom odor de Cristo em todo lugar, tanto entre aqueles que se salvam, como entre aqueles que se perdem; para uns, odor de vida para a vida; para outros, odor de morte para a morte. E quem seria idôneo para tal missão?”.¹⁶ A presente leitura do santo Evangelho oferece-nos a ocasião de falarmos sobre esse odor, e de um modo tal que se exponha suficientemente, por nossa parte, e que se escute, pela vossa, diligentemente. Ora, perguntando o Apóstolo “quem seria idôneo para tal missão”, seríamos nós porventura idôneos para isso, a partir do momento em que nos esforçamos para falar, ou vós seríeis idôneos para ouvir tais coisas? Não somos, por certo, idôneos, mas que Aquele que o é Se digne falar, por nosso intermédio, o que vos aproveita ouvir. Eis que o Apóstolo é bom odor, como ele próprio o disse; esse mesmo bom odor, contudo, é, para uns, odor de vida para a vida e, para outros, odor de morte para a morte, mas sempre um bom odor. Por acaso ele diz:

¹³ Rm 2,24.

¹⁴ Cf. 2Cor 2,15.

¹⁵ Cf. Ct 1,2.

¹⁶ 2Cor 2,15-16.

“somos, para uns, bom odor para a vida e, para outros, mau odor para a morte”? Ele disse ser bom odor, não mau, e disse que o mesmo bom odor, com relação a uns, é para a vida e, com relação a outros, é para a morte. Felizes os que vivem no bom odor. Por outro lado, o que de mais infeliz pode ocorrer aos que, no bom odor, encontram a morte?

8 E quem é – pergunta alguém – aquele a quem o bom odor mata? É o que indaga o Apóstolo: “quem seria idôneo para tal missão”? Como Deus, de admiráveis maneiras, realiza isso, a saber, que, em virtude do bom odor, tanto vivam os bons como morram os maus? Conforme o Senhor Se digna inspirar – pois talvez se esconda aí um sentido mais profundo que não pode ser atingido por mim – e até onde pude compreender, não se vos deve recusar a explicação de como isso se dá. Por onde quer que se espalhasse a fama do apóstolo Paulo, que agia bem, que vivia bem, que pregava a justiça com sua palavra e a confirmava com as obras, que era um admirável doutor, fiel despenseiro, uns o amavam, outros o invejavam. Ele mesmo fala, em certa passagem, de alguns que anunciavam o Cristo, não sinceramente, mas por inveja, “julgando com isso” – diz – “acrescentar sofrimentos às minhas prisões”. Mas o que diz dessa situação? “Ou com segundas intenções ou sinceramente, Cristo seja anunciado!”¹⁷ Anunciam-n’O os que me amam, anunciam-n’O os que me invejam: os primeiros, no bom odor, encontram a vida; enquanto os outros, no bom odor, morrem. Que o nome de Cristo seja anunciado, porém, pela pregação de ambos os grupos, e o mundo se encha com um ótimo odor. Se tu amares a quem age bem, terás encontrado vida no bom odor;

¹⁷ Fl 1,17-18.